



Intercom - Revista Brasileira de Ciências

da Comunicação

ISSN: 1809-5844

intercom@usp.br

Sociedade Brasileira de Estudos

Interdisciplinares da Comunicação

Brasil

Del Vecchio de Lima, Myrian; Beling Loose, Eloisa; Mei, Danielle; Schneider, Thaís;
Duarte, Valéria; Lambach, Higor

Jornalismo e meio ambiente: apontamentos sobre dez anos de produção acadêmica nos
eventos da Intercom

Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, vol. 38, núm. 2, julio-diciembre, 2015, pp. 231-252

Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=69842551012>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Jornalismo e meio ambiente: apontamentos sobre dez anos de produção acadêmica nos eventos da Intercom

Journalism and environment: academic production of a decade in the Intercom events

Periodismo y medio ambiente: notas sobre la producción académica de una década en los eventos de la Intercom

DOI: 10.1590/1809-58442015212

Myrian Del Vecchio de Lima

Eloisa Beling Loose

Danielle Mei

Thaís Schneider

Valéria Duarte

Higor Lambach

(Universidade Federal do Paraná, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Curitiba – PR, Brasil)

Resumo

Decorrente das preocupações com os estudos de interface entre Jornalismo e meio ambiente, este trabalho apresenta o mapeamento (2003-2012) e análise sobre o desenvolvimento da pesquisa em Jornalismo no Núcleo de Pesquisa que trata das questões ambientais no congresso Intercom. Tal esforço tem como objetivo verificar o crescimento e a diversidade de enfoques atrelados ao binômio Jornalismo e meio ambiente no contexto mais amplo da Comunicação e realizar apontamentos sobre o perfil dos trabalhos, tendo em vista o fortalecimento dos estudos na área, na última década, em espaços de discussão acadêmica. Metodologicamente, o artigo é baseado em pesquisa bibliográfica seguida de análise qualitativa/quantitativa de categorias definidas a partir dos dados

coletados. Emergem do processo, como resultado, questionamentos de ordem epistemológica sobre as relações do binômio destacando-se que o Jornalismo ambiental apresenta-se, no período examinado, como espaço que ainda necessita de investigações que privilegiam as complexas relações entre as práticas e os discursos que interligam os dois campos de conhecimento.

Palavras chave: Jornalismo. Meio ambiente. Estado da arte. Pesquisa científica.

Abstract

This article focuses on the interface between Journalism and the Environment. It presents a mapping (2003-2012) and an analysis on the Journalism research development at the space of research that addresses the environmental issues in the congress of Intercom. It seeks to verify the growth and the diversity of approaches in the area of Environmental Journalism in that decade, in this event. The article is based on a bibliographical research, followed by quantitative/qualitative analysis of some categories defined from the data collected. Emerge from this process, as a result, questions of epistemological order on relations of this interface, emphasizing that the work allowed to observe that the Environmental Journalism presents itself, in the period examined, as an area that still requires investigations which emphasize the complex relationships between the practices and discourses that interconnect the two fields of knowledge.

Keywords: Journalism. Environment. State-of-the-art. Scientific research.

Resumen

Este artículo se centra en la interfaz entre el Periodismo y medio ambiente. Presenta un mapeo (2003-2013) y, posteriormente, un análisis sobre el desarrollo de la investigación de Periodismo en el espacio del grupo de trabajo que se ocupa de los problemas ambientales en el congreso Intercom. Se busca verificar el crecimiento y la diversidad de enfoques en el área del periodismo ambiental en una década en este evento. El artículo se basa en investigación bibliográfica seguido de análisis cualitativa/cuantitativa de categorías definidas a partir de los datos colectados. Surgen de este proceso, como resultado, cuestiones de orden epistemológico sobre las relaciones de esta interfaz enfatizando que el Periodismo ambiental presentase, en el periodo estudiado, es algo que necesita de investigaciones principalmente de las complejas relaciones entre las prácticas y los discursos que interconectan los dos campos de conocimiento.

Palabras clave: Periodismo. Medio Ambiente. Estado del arte. Investigación científica.

Introdução

Este trabalho analisa o desenvolvimento das pesquisas que englobam o binômio Jornalismo e meio ambiente nos grupos de trabalho dedicados a esta temática no mais tradicional

evento nacional de Comunicação no Brasil, o da Intercom, organizado pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Para tanto, é realizado um mapeamento do tipo “estado da arte” dos *papers* específicos de Jornalismo e meio ambiente na última década, apresentados no evento acadêmico citado, desde 2003 até 2012, buscando identificar autores, temáticas e *corpus* de pesquisa mais recorrentes.

No Brasil, de acordo com Ferreira (2002), especialmente a partir do final dos anos 1980, muitos trabalhos científicos têm sido produzidos baseados em levantamentos bibliográficos chamados “estado da arte”, buscando mapear enfoques e temáticas de determinados campos de estudos. A área da Comunicação segue esta tendência, o que pode ser comprovado pelos vários trabalhos assim caracterizados nos anos recentes em espaços de debate como o da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) e o da Intercom – a exemplo do trabalho *Jornalismo Ambiental: como as pesquisas acadêmicas abordam o tema?* (DELEVATI; FAUSTO NETO, 2011) e *Análise dos estudos sobre jornalismo ambiental: primeiras incursões* (AGUIAR, 2011). Ferreira (2002) afirma que, nessa linha, existe um conjunto significativo de pesquisas, também conhecidas por “estado do conhecimento”:

Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. Também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado (FERREIRA, 2002, p.258).

Sob essa perspectiva metodológica, realizou-se um levantamento, procurando apresentar as recorrências temáticas e de *corpus* do conjunto de trabalhos que se debruçam sobre a interface dos estudos de Jornalismo e meio ambiente, interesse de

pesquisa do grupo de autores, bem como as origens institucionais e a qualificação dos autores interessados nessa relação. O mapeamento destes trabalhos ocorreu a partir dos espaços de discussão do encontro da Intercom dedicados à Comunicação científica, que historicamente acolhe análises e reflexões sobre as temáticas ambientais.

Cabe salientar que ainda no momento de realizar a classificação das categorias a serem utilizadas como base para a análise, emergiu uma discussão que envolveu a própria definição de interface entre as áreas examinadas – Jornalismo e meio ambiente –, assim como em qual “intersecção empírica”, nos trabalhos que não se limitavam a reflexões, esta interface se configurava. Tal debate sobre o que seria, de fato, a relação de interface das duas áreas, acabou estabelecendo duas categorias principais de análise: uma atrelada à temática ambiental em discussão e outra vinculada à concretude na qual se estabelece esse contato.

Destaca-se que os eventos da Intercom compreendem uma variedade de divisões temáticas e são separados por nível de formação (graduandos e pesquisadores de pós-graduação), sendo que este trabalho privilegiou o Núcleo de Pesquisa (NP) de Comunicação Científica e Ambiental, único espaço no congresso anual/nacional da Sociedade que evidencia a incorporação da questão ambiental no título de um grupo de trabalho.

É importante explicar que os Núcleos de Pesquisa do evento da Intercom procuram contemplar e abrigar uma área específica da Comunicação, definida por uma ementa. Em 2007, a Intercom passou por reformulações e, por dois anos consecutivos, o termo ambiental saiu do título do NP. Dessa maneira, em 2007 e 2008 os trabalhos que tinham ênfase no meio ambiente se diluíram por outros NPs¹.

A partir de 2009 outras mudanças estruturais ocorreram na organização da Intercom, com o surgimento dos Grupos de Pesquisa (GPs), reunidos sob Divisões Temáticas (DTs) comuns. Nesta nova etapa, a questão ambiental volta a ter espaço explícito

¹ Veja detalhes em : <http://www.intercom.org.br/pesquisa/pesquisa.shtml>

sob a denominação “Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade”. A ementa desta DT, encontrada no site da sociedade (<http://www.intercom.org.br/>), assim estabelece sua abrangência:

Pesquisas, reflexões, estudos empíricos e pesquisas aplicadas sobre as práticas sociais da Comunicação relacionadas a ciências, tecnologias e meio ambiente: jornalismo científico; divulgação científica; popularização da ciência; comunicação pública da ciência; midiologia científica; cultura científica; marketing da Ciência; recepção da informação científica, tecnológica e ambiental; relações entre ciência, tecnologia, inovação e sociedade; [...] possibilidades e limites de mídias alternativas para divulgação científica e ambiental [...]. Problematização teórica de questões críticas como: os riscos e os impactos sociais, culturais, ambientais, políticos, econômicos e geopolíticos de procedimentos científicos e escolhas tecnológicas, af incluídas a bioética, a biotecnologia e a biopolítica; o silêncio, ocultamento e/ou sensacionalismo midiático sobre controvérsias científicas, tecnológicas e ambientais; o papel dos saberes tradicionais na construção do conhecimento sobre o mundo; embate entre o discurso da modernização ecológica e o da sustentabilidade; reflexões sobre as relações de poder envolvidas no trato dessas questões pela mídia de massa; o diálogo e o embate do *ethos* profissional de comunicadores e cientistas; perfil e necessidades de formação contínua de profissionais de comunicação [...] e de divulgadores da ciência [...] para o agendamento de questões científicas, tecnológicas e ambientais relevantes para a sociedade brasileira; interfaces e interações do trabalho de jornalistas de redação e assessores de comunicação em organizações de CT&I; enfrentamento dos desafios impostos à democratização da informação e da comunicação [...] incluindo o debate sobre direitos autorais, direitos compartilhados e publicações de livre acesso.

Evidencia-se que o escopo desta DT² é amplo, mas a interface entre Jornalismo e meio ambiente pode ser encontrada no conjunto de trabalhos nela apresentados nos dez anos em exame. É importante esclarecer que, embora o Jornalismo faça parte do campo de estudos da Comunicação, neste trabalho privilegiaram-se exatamente os *papers* que tratasse dos produtos, processos ou reflexões atrelados à construção das notícias e reportagens de

² Como se analisa um período de dez anos e a denominação da sessão de apresentação de trabalhos modifica-se durante o período, adota-se, de agora em diante, DT (divisão temática) Comunicação Científica para representar todos os espaços de discussão e apresentação de trabalhos que foram pesquisados.

modo a corresponder à especificidade do Jornalismo. Pensando na questão da interface, pode-se afirmar que se centra a investigação no que popularmente chamamos de “Jornalismo ambiental”. Bueno (2007, p.29) destaca que:

O jornalismo ambiental anseia por um conceito, que extrapole o do jornalismo científico tradicional (comprometido com uma parcela significativa da comunidade científica que tem privilegiado a continuidade das suas pesquisas, sem contextualizar as suas repercuções), que não se confunda, em nenhuma hipótese, com o jornalismo econômico [...]. O jornalismo ambiental deve construir o seu próprio *ethos*, ainda que compartilhe parcela significativa de seu DNA com todos os jornalismos (especializados ou não) que se praticam por aí.

Logo, apesar de hoje muitos autores apontarem para pressupostos próprios do Jornalismo ambiental, que extrapolam a apropriação jornalística da temática ambiental, para este artigo, considerou-se todo o trabalho que tratasse de Jornalismo com alguma interface com o meio ambiente, visto o recorte histórico adotado. Não se realiza distinção entre Jornalismo ambiental e Jornalismo de/sobre meio ambiente. Este critério foi tomado visto que as discussões de premissas e características específicas deste tipo especializado de Jornalismo são ainda recentes e pouco discutidas em termos epistemológicos.

Metodologia

Antes de adentrar na análise, de caráter quanti-qualitativa, adverte-se que o levantamento dos trabalhos foi feito diretamente dos anais dos eventos, disponibilizados *online* pela Intercom, levando-se em consideração títulos, resumos, palavras-chave e informações sobre os autores dos artigos. Destaca-se que, para Ferreira (2002, p.268), enquanto gênero do discurso, os resumos trazem um conteúdo temático, que apresenta aspectos das pesquisas que correspondem a:

[...] uma certa padronização quanto à estrutura composicional: anunciam o que se pretendeu investigar, apontam o percurso metodológico realizado,

descrevem os resultados chegados; [...] É verdade, que nem todo resumo traz em si mesmo e de idêntica maneira todas as convenções previstas pelo gênero: em alguns falta a conclusão da pesquisa; em outros, falta o percurso metodológico, ainda em outros, pode ser encontrado um estilo mais narrativo.

Nesse sentido, com relação aos resumos examinados, notaram-se muitos problemas de construção: nem sempre os conteúdos refletiam as ideias dos textos ou ainda apresentavam-se incompletos. As palavras-chave, por sua vez, que devem funcionar como sinalizadoras que remetem rapidamente a áreas de estudo e ênfases temáticas de pesquisa (são fundamentais na sistemática avaliativa de órgãos como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes – por evidenciarem fortes relações com as linhas de pesquisa de onde se origina a produção dos autores de trabalhos acadêmicos), em alguns poucos casos, também não correspondiam exatamente ao conteúdo dos trabalhos analisados.

Mesmo assim, foi a leitura cuidadosa dos títulos (que em tese também devem remeter o leitor ao universo temático abordado), resumos e palavras-chave que permitiu a classificação das categorias utilizadas. Em muitos casos, entretanto, esta tríade de aspectos foi insuficiente para prosseguir nas classificações propostas, sendo necessária uma leitura do próprio artigo, com troca de ideias entre os pesquisadores do grupo para minimizar dúvidas. Por fim, para tratar das origens institucionais e da formação dos autores, utilizaram-se os dados disponibilizados por eles no próprio trabalho publicado nos anais do evento.

Diante disso, a organização do *corpus*, para posterior análise, ficou assim definida: a) discriminação dos títulos dos trabalhos; b) identificação dos autores; c) origens institucionais dos trabalhos; d) formação dos autores; e) resumos; f) palavras-chave; g) *corpus* empírico; h) temáticas ambientais; e i) interfaces entre Jornalismo e meio ambiente. Dentre esses tópicos, dois merecem uma construção argumentativa no artigo em razão de se estabelecerem como categorias que são fruto de cruzamentos – a da temática ambiental e a da interface entre Jornalismo e ambiente.

Temáticas ambientais e de interface: algumas considerações

Ao debruçar-se sobre o material das DTs muitas dúvidas surgiram, já que o campo da Comunicação é, por natureza, interdisciplinar e constantemente vinculado a trabalhos de interfaces (BRAGA, 2011). Compreende-se que da mesma maneira que a Comunicação ambiental é resultado do contato e das trocas entre os campos da Comunicação e do Meio Ambiente (LIMA *et al.*, 2013), o Jornalismo ambiental também é fruto deste intercâmbio, ainda que como subcampo da Comunicação.

O Jornalismo pode ser visto como um espaço de múltiplas trocas interdisciplinares, já que para o seu fazer depende dos fatos que derivam de outros campos. Sem esta relação de apropriação, seu principal produto – a notícia – não seria possível. Raynaut (1996, p.25), ao tratar da interdisciplinaridade, afirma que seus objetos

[...] são geralmente reconhecidos a partir de uma posição social que obriga a considerar o real tal como se apresenta em sua forma bruta: ou seja, como um conjunto de relações que não permite aprisionar-se no recorte instituído pelas disciplinas. Essa posição é, essencialmente, a da ação — a partir do momento que ela considera a necessidade de ser informada por um conhecimento objetivo do campo sobre o qual ela pretende trabalhar.

Na tentativa de buscar um critério para fazer a classificação das temáticas, verificou-se, em breve pesquisa na Internet, que grande parte dos trabalhos que analisava temáticas ambientais, não necessariamente na área de Comunicação/Jornalismo, realizava uma classificação aleatória, que muitas vezes gerava sobreposição de temas, e nem mesmo fundamentava a classificação adotada. É o caso do trabalho “Temas ambientais relevantes”, a exemplo de vários outros, que indica quais seriam os temas ambientais mais relevantes para o Brasil em um futuro próximo (2022), no qual justifica-se que a escolha foi feita “de acordo com o ponto de vista e a experiência dos autores” (SALATI *et al.*, 2006, p.107). Como contraponto, que se assinala como uma forma criteriosa de classificação, outro trabalho (ABRANCHES, 2012) baseia sua análise de temas ambientais no documento “Relatório 21 questões

para o século 21”, do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente – Pnuma (2012), que estabelece prioridades temáticas globais que o autor se propôs a analisar.

Diante deste quadro, decidiu-se por uma classificação própria, a partir da análise do *corpus*, mas ainda assim persistiram algumas “perturbações”: em alguns momentos, estava-se tratando de temas ambientais propriamente ditos, que poderiam ser temas de quaisquer outras interfaces de conhecimento (Educação ou Geografia, por exemplo), como biodiversidade ou mudanças climáticas; em outros, as categorias pareciam ser específicas do Jornalismo. Assim, partiu-se para outra classificação: além da categoria “temáticas ambientais”, sentiu-se a necessidade de trabalhar com a categoria “interfaces entre Jornalismo e meio ambiente”.

Como “temáticas ambientais” foram consideradas aquelas apropriadas pelo pesquisador de Jornalismo quando esse se propunha a fazer relatos e análises sobre o meio ambiente, ou seja, temáticas inerentes ao assunto meio ambiente que foram incorporadas pelo Jornalismo. Surgiram então nove subcategorias, com suas respectivas definições: 1) *Biodiversidade*, que engloba questões atreladas à conservação e preservação do meio ambiente de forma ampla, no sentido de garantir o equilíbrio dos ecossistemas; 2) *Mudanças Climáticas*, que trata de aspectos referentes a esta questão, tais como o fenômeno do aquecimento global ou acordos para seu enfrentamento; 3) *Consumo e Resíduos*, que abarcam consumo e seus impactos vinculados aos resíduos sólidos, como coleta, separação e reciclagem; 4) *Desastres ambientais*, que remete aos acidentes e/ou catástrofes ambientais de caráter pontual ou momentâneo, como vazamentos de produtos tóxicos; 5) *Degradação e poluição*, que reúne acontecimentos que afetam o meio ambiente de forma não pontual (permanente ou de sequência prolongada), como é o caso de desmatamentos, queimadas ou contaminação pelo uso de agrotóxicos; 6) *Recursos hídricos*, que trata de questões atreladas à poluição/contaminação, geração de energia ou necessidade de uso racional da água; 7) *Marketing verde*, que relaciona as temáticas ambientais com a promoção de produtos e discursos, especialmente tendo em vista a apropriação da ideia

de desenvolvimento sustentável; 9) *Eventos ambientais*, atrelada a qualquer acontecimento programado com caráter ambiental, como o Dia da Árvore ou a Rio+20; e 9) *Informação ambiental*, que abrange o enfoque das informações de meio ambiente de um modo geral, sem priorizar uma temática específica; expõe aspectos teóricos e epistemológicos sobre a Comunicação e o Jornalismo ambiental. No gráfico que trata das temáticas ambientais pode-se observar ainda a categoria *Outros*, que agrupa trabalhos específicos de bioética (1) e políticas públicas ambientais (1).

A criação da categoria “interfaces entre Jornalismo e meio ambiente” exigiu a revisão de algumas reflexões sobre as perspectivas envolvidas. Uma destas, mais evidente, corresponde aos pontos de imbricamento nos quais os campos teóricos das duas áreas, Jornalismo e meio ambiente, se tocam (justaposição de saberes), mas também se cruzam e se sobrepõem, aumentando o grau de complexidade dos dois campos científicos e permitindo um diálogo entre os dois saberes, ambos construídos a partir de interdisciplinaridades inerentes a si próprios. Para esclarecer, além da interface entre o campo do conhecimento ambiental e do jornalístico poderia ser examinada qualquer interface de conhecimento, como, por exemplo, o Jornalismo e a Ciência (Jornalismo científico, que vai além de uma simples especialização do Jornalismo); o Jornalismo e a Educação (educomunicação); ou indo além de dois campos científicos: Jornalismo, Educação e Meio Ambiente (educomunicação socioambiental).

Outra perspectiva, mais específica e não tão óbvia, e assumida neste trabalho, corresponde àquilo que se chama de intersecção entre dois conjuntos: uma área comum entre dois campos de conhecimento, no caso Jornalismo e meio ambiente. Mas, essa área comum, refere-se exatamente, quando se trata de uma pesquisa de caráter empírico, ao *corpus* em si, a partir do qual será possível colher dados, analisá-los e inseri-los em um contexto relativo aos dois campos de saberes envolvidos. É o caso do exame de uma dada temática ambiental, vista a partir do campo jornalístico, que pode ser realizado a partir de um objeto específico: uma cobertura, um conjunto de notícias, um grupo de atores sociais. São esses

objetos (quando observados e analisados) que vão permitir a construção de uma interface empírica. Evidentemente, isso não ocorre quando a pesquisa é puramente teórica.

As subcategorias de interface também foram classificadas à medida que foram emergindo as análises: 1) *Análise de notícias*, que se refere às notícias sobre temas de meio ambiente, enquanto produtos do Jornalismo, sob diferentes perspectivas: análise de conteúdo e do discurso, mapeamento de fontes e identificação dos enquadramentos; esta categoria comporta notícias variadas, sem característica de cobertura de evento; 2) *Cobertura de eventos*, que abrange a análise de todos os tipos de coberturas de eventos ambientais, como o Dia do Meio Ambiente; 3) *Visibilidade midiática*, que trata de abordagens relacionadas ao espaço dedicado aos temas ambientais em veículos jornalísticos ou espaços específicos, como programas e editorias, análises da percepção de atores sobre o tema ambiental na imprensa e estudos de *agenda setting* e dos processos de composição da pauta vinculados às temáticas ambientais; 4) *Práticas jornalísticas*, que abarca estudos voltados às rotinas profissionais dos jornalistas que cobrem temas ambientais e o papel social do Jornalismo, assim como relação com fontes, critérios de noticiabilidade e ética.

Análise dos trabalhos de Jornalismo e meio ambiente

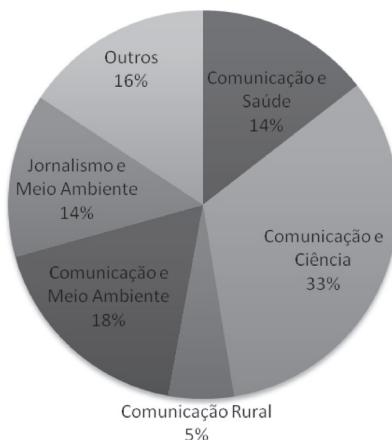
De 2003 a 2012, 331 trabalhos foram apresentados no espaço da Intercom destinado à Comunicação científica, no qual se pressupõe que os pesquisadores interessados na interface entre Jornalismo e meio ambiente submetam seus trabalhos. Como em 2007 e 2008 a Intercom não apresentou espaço explicitamente dedicado à temática ambiental, além das DTs de Comunicação Científica (contabilizados acima), verificaram-se as DTs de Jornalismo deste período, que somaram 160 trabalhos, mas apresentaram apenas quatro com relação direta entre Jornalismo e meio ambiente. Optou-se, assim, por desconsiderar estes quatro trabalhos (em razão de sua pouca representatividade frente ao número total) e centrar os esforços da pesquisa nos espaços de

trabalho tradicionalmente receptores desta temática (ou seja, manteve-se como ponto de partida os 331 trabalhos).

Em relação ao *corpus* total desta análise, ressalta-se o número significativo de artigos submetidos na área de Comunicação e meio ambiente, e, mais especificamente, de Jornalismo e meio ambiente. Na década analisada, 32% dos trabalhos totais abarcavam diretamente aspectos e temas do campo ambiental. Destes 32%, que correspondem a 104 trabalhos, 14% representam apenas os de Jornalismo e meio ambiente, que somam 45 papers. De outro modo, considerando os artigos de Comunicação e meio ambiente como sendo o total (100%), os de Jornalismo ambiental corresponderiam a 45% deles.

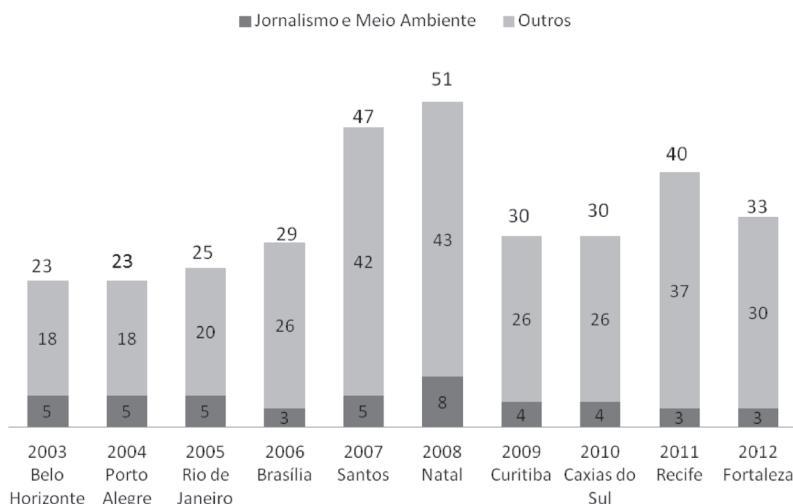
Nota-se que apesar desta DT aceitar trabalhos de diferentes tipos e interfaces, é significante o espaço que as temáticas ambientais recebem. Isso chama a atenção especialmente pela tradição de Comunicação científica inerente ao grupo dos pesquisadores que participam da DT e da ausência de outros espaços que priorizem a Comunicação (e aqui incluímos sempre o Jornalismo) e seu contato com outros campos.

Figura 1 – Percentuais de subáreas abordadas na DT Comunicação Científica



Ainda sobre a Figura 1, salienta-se que os maiores percentuais dividem-se entre *Comunicação e Ciência* (33%) e a soma dos percentuais de *Comunicação e Meio Ambiente*³ e *Jornalismo e Meio Ambiente* (32%). Este último, mesmo separado no gráfico para fins deste trabalho, integra a área da Comunicação ambiental. Logo, percebe-se que mais de um terço de todos os trabalhos apresentados sobre Comunicação ambiental corresponde aos estudos de Jornalismo e meio ambiente. Os percentuais de *Comunicação e Ciência* (33%) e a soma acima mencionada (32%), muito próximos, refletem a dominância das temáticas na DT em observação, totalizando 65% de todos os trabalhos.

Figura 2 – Total de trabalhos apresentados na DT Comunicação Científica por ano/local



O figura acima mostra a relação de trabalhos submetidos na já citada DT por ano, junto ao local onde o congresso foi realizado,

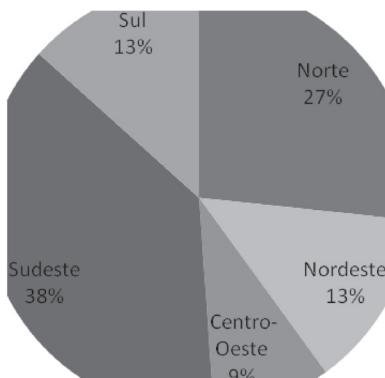
³ Esta subárea reúne trabalhos de Relações Públicas, Publicidade e Propaganda, e outros que abordem a Comunicação de forma ampla. Os trabalhos específicos de Jornalismo foram agrupados em uma subárea diferente “Jornalismo e Meio Ambiente”, sendo, portanto, excluídos da subárea “Comunicação e Meio Ambiente”.

e com a quantidade de trabalhos atrelados ao binômio Jornalismo e meio ambiente. Percebe-se que o pico de trabalhos recebidos no âmbito da interface em análise ocorre em 2008, justamente quando o evento nacional realizado em Natal teve como tema geral “Mídia, Ecologia e Sociedade”. Também se observa que há certa constância na presença de trabalhos de Jornalismo e meio ambiente nos espaços de discussão da Intercom que, primeiramente, tinha na denominação ênfase somente na ciência e, posteriormente, agregou a palavra “ambiental” em seu nome. Ou seja, a explicitação do termo “ambiental” na DT, não implicou aumento ou diminuição da média anual de trabalhos apresentados. A média geral de *papers* apresentados nesta última década é de 4,5.

Deve-se levar em conta que o local onde o congresso é realizado pode ter influência na quantidade de trabalhos submetidos, visto que as dimensões continentais do Brasil nem sempre viabilizam que pesquisadores possam comparecer anualmente nos eventos. Também a questão da temática geral eleita pela Intercom tende a reforçar a vinda de determinados pesquisadores em razão de mesas e palestras que estão relacionadas a interesses específicos de estudos.

Sobre as análises do binômio Jornalismo e meio ambiente, realizou-se uma identificação da origem institucional dos autores, por região, conforme mostra a Figura 3:

Figura 3 – Percentuais da origem institucional dos autores



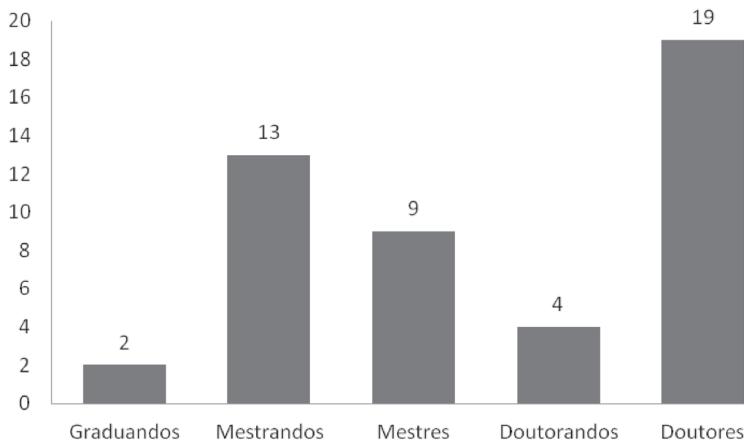
A região Sudeste lidera com 38%, muito provavelmente por apresentar uma grande concentração de programas de pós-graduação na área da Comunicação. Em artigo sobre o estado da arte do GT Comunicação e Ciência da Intercom, de 1992 a 2000, Gomes (2001) também destaca o Sudeste como melhor desempenho de participação, apontando o fato de que no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista do Estado de São Paulo (Umesp) existe uma área de concentração em Comunicação Científica e Tecnológica, que possui íntima relação com o escopo deste grupo. Embora a análise não tenha se detido na observação de *papers* sobre Jornalismo e meio ambiente, vários pesquisadores de Comunicação científica deparam-se com assuntos ambientais e acabam escrevendo sobre esta relação. Tal afirmação é verificada na trajetória de muitos pesquisadores que começaram a investigar Jornalismo científico e estenderam seus interesses para o Jornalismo ambiental, como Wilson Bueno(Umesp), Isaltina Gomes (UFPE) e Myrian Del Vecchio de Lima (UFPR).

No registro de procedência institucional por regiões, em seguida está o Norte, com 27% dos trabalhos. Este é um dado interessante, visto que, ao contrário do Sudeste, a região ainda apresenta poucos programas. Contudo, por comportar a Amazônia, entende-se esta ligação. Exemplificando: dos 45 trabalhos encontrados, 9 tratavam de questões vinculadas ao bioma Amazônia, o que representa 20% do total.

Em terceiro lugar encontram-se Sul e Nordeste, com 13% cada. Além da existência ou não de núcleos de pesquisa em cada região, nota-se que dos dez encontros analisados, três deles foram sediados no Sul e três no Nordeste. No Centro-Oeste, apenas um evento foi realizado e também não há um número significativo de universidades de Comunicação, o que pode explicar a participação de apenas 9% dos pesquisadores.

Com relação à formação acadêmica dos autores, o espaço já limita a apresentação de graduandos sem coautoria com pesquisadores titulados. Logo, era de se esperar que o número de doutores encontrado fosse o maior (40,4%), seguido de mestrandos (27,7%), mestres (19,1%), doutorandos (8,5%) e graduandos (4,3%).

Figura 4 – Números absolutos de autores que tratam de Jornalismo ambiental classificados por titulação acadêmica



Na sequência, partiu-se para a análise dos temas abordados. Ao seguir a categorização já exposta, realizou-se uma classificação dos temas ambientais mais recorrentes nestes últimos dez anos (Figura 5). Verifica-se que há uma diversidade de temáticas, mas ficam evidentes as categorias da *Informação ambiental* (28,8%), *Biodiversidade* (20%), *Mudanças Climáticas* (13,3%) e *Degradação e Poluição* (8,8%):

Com relação às temáticas ambientais mais frequentes – *Informação ambiental*, *Biodiversidade* e *Mudanças climáticas* – não houve surpresas com relação às duas últimas: a década foi marcada pela discussão, às vezes polêmica, sobre as mudanças climáticas de origem antropogênica e também houve a realização de uma série de eventos ligados à chamada crise da biodiversidade mundial. A categoria predominante, *Informação ambiental*, parece revelar uma preferência dos pesquisadores dedicados ao binômio em questão por um tema intrinsecamente ligado ao próprio campo jornalístico, a informação. Mesmo que em alguns dos trabalhos investigados, ela se apresente com um sentido outro, como a informação ambiental em redes, é no interior da informação jornalística ou das mídias jornalísticas em si, que parece residir o maior interesse temático de pesquisa na interface.

Figura 5 – Número de trabalhos apresentados classificados por temáticas ambientais

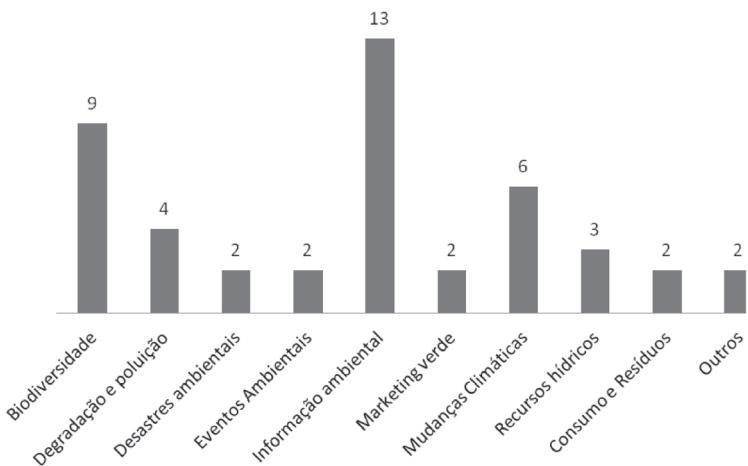
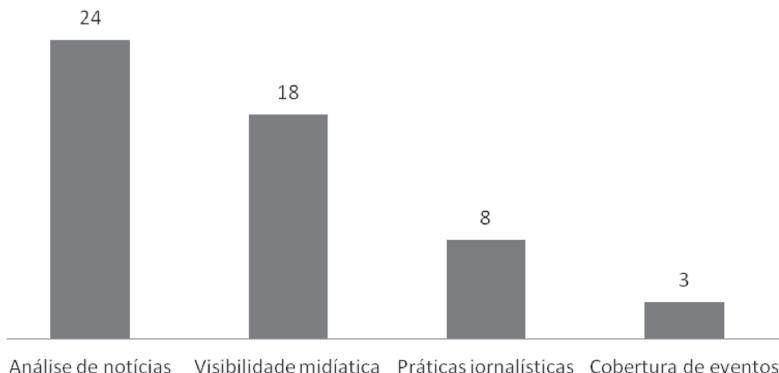


Figura 6 – Número de trabalhos apresentados classificados por categorias de interface entre Jornalismo e meio ambiente



Alguns dos trabalhos do *corpus* apresentaram características específicas de mais de uma das categorias definidas, como foi o caso de “Agenda ambiental y rutinas noticiosas: un estudio de caso de la prensa regional”, apresentado em 2003, que se inseriu em *Análise de notícias*, *Visibilidade midiática* e *Práticas jornalísticas*.

A maior recorrência de artigos enquadrados em *Análise de notícias* (45,3%) não surpreende, visto que é muito comum nas pesquisas de Jornalismo investigarem-se produtos, especialmente por meio das análises de discurso e de conteúdo. Aqui, os temas ambientais selecionados são pesquisados no interior do espaço empírico representado por um dado conjunto de notícias. Em análise anterior, no período de 1992 a 2000, apesar de tratar de todos os trabalhos apresentados na sessão citada, Gomes (2001) também verificou o predomínio de trabalhos sobre estudos do discurso.

No caso da *Visibilidade midiática*, que corresponde a 34% do total, os estudos de agendamento de temas ambientais tiveram destaque. Já em *Práticas jornalísticas* (15%), além do que se enquadra como rotinas produtivas, chama a atenção o objetivo de checar qual é o papel social do Jornalismo ambiental e também sua relação com a área da educação.

A categoria de interface menos recorrente foi *Cobertura de eventos* (5,7%), o que também já era esperado pelo próprio caráter pontual e efêmero dos mesmos.

Considerações finais

Avalia-se, frente aos dados e observações apresentadas, que nos últimos dez anos o número de trabalhos relacionados nos eventos da Intercom que apresentam esta interface manteve-se constante, com o máximo de 8 *papers* em evento com tema geral dedicado à questão ambiental e demais anos com apresentação entre 3 e 5 artigos. Porém, lembra-se que o surgimento de novos espaço de discussões para este fenômeno de intersecção, como o da Sociedade Brasileira de Pesquisa em Jornalismo (SBPJor), em 2003, o Congresso Brasileiro de Jornalismo Ambiental (CBJA), em 2005, e o Encontro Interdisciplinar de Comunicação Ambiental (EICA), em 2011, também pode diluir públicos, que, por razões diversas, não conseguem estar presentes em vários eventos científicos todos os anos.

Devido à abrangência de temas de interface no grupo de trabalho da Intercom, além da própria natureza da Comunicação,

que é interdisciplinar, a DT não mostrou significativas mudanças em termos de apresentação de trabalhos, tendo em vista que alguns pesquisadores migraram ou dividiram-se entre os vários eventos. Supõe-se que os diferentes encontros contribuem para a ampliação das discussões, com enfoques específicos, mas com possibilidades de convergência.

Registra-se também que muito além de identificar, classificar e quantificar as recorrências do *corpus* em análise, este trabalho gerou inquietações de ordem reflexiva sobre como se fundamentam, se constroem e se articulam as interfaces entre os campos de conhecimento e aqui, especificamente, entre o do Jornalismo e do meio ambiente. Emergem deste processo duas questões, que precisam ser aprofundadas em próximos estudos: 1^{a)} em que medida Jornalismo científico e Jornalismo ambiental (subcampos inseridos em uma mesma DT na Intercom, por exemplo) se aproximam e se diferenciam? 2^{a)} o que realmente significa a interface entre os campos jornalístico e ambiental, para além da Comunicação ambiental?

Sobre a primeira questão pode-se afirmar, a partir de uma perspectiva histórica, em especial no panorama brasileiro, que há autores que consideram o Jornalismo ambiental derivado do científico e outros que os enxergam de forma diferenciada, apontando especificidades que não são coincidentes e a necessidade de um distanciamento deste, como Bueno (2007). De fato, em especial, após o grande evento global promovido pela Unesco no Brasil, em 1992, a Eco-92 ou Rio-92, o Jornalismo dito ambiental – que vai além da cobertura ambiental – passou a ser entendido de forma diferenciada, como aquele subcampo jornalístico em que a interface com a temática em questão, exigia um entendimento mais contextual, que pudesse pelo menos assinalar a existência da intensa complexidade do objeto ambiental em si tão multifacetado em aspectos interrelacionados, como os científicos, econômicos, culturais, técnicos, sociais etc. Entretanto, observa-se ainda falta de consenso e de aprofundamento teórico sobre estas implicações interdisciplinares.

Já a respeito da segunda indagação, nota-se a necessidade de mais precisão sobre o que significa, de fato, esta relação

de interface. Assim como já existem discussões a respeito das diferenças entre Jornalismo ambiental e Jornalismo sobre meio ambiente, considerando que o primeiro tenha uma intersecção de ordem epistemológica entre os campos e o segundo faça mera apropriação da temática ambiental, entende-se que é preciso refletir mais analiticamente sobre o sentido que o termo interface adquire nestes encontros de campos.

Para finalizar, deve-se mencionar que outras categorias ou análises poderiam ter aparecido neste trabalho de “estado da arte”, como os aspectos metodológicos, que também podem ser vistos sob o olhar do cruzamento de campos. Acredita-se ainda que o aprofundamento da questão da interdisciplinaridade e das interfaces epistemológicas são problemáticas instigantes que ainda mostram-se frágeis quando verificadas no subcampo do Jornalismo. Diante disso, observa-se no Jornalismo ambiental um espaço propício para a pesquisa das complexas relações entre as práticas e discursos que interligam esta interface.

Referências

AGUIAR, Sônia. Análise dos estudos sobre jornalismo ambiental: primeiras incursões. In: 9º Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo. **Anais...** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

ABRANCHES, Sérgio. Os temas ambientais emergentes neste século e a Rio + 20. **Ecopolítica**, 2012. Online. Disponível em: www.ecopolitica.com.br/2012/02/24/os-temas-ambientais-criticos-neste-seculo-e-a-rio20/. Acesso em: 22 mar. 2012.

BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da comunicação. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, v. XXV, n. 58, p.62-77, jan./abr., 2011. Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/viewFile/924/147>. Acesso em 10 abr. 2012.

BUENO, Wilson. **Comunicação, jornalismo e meio ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007.

DELEVATI, Amanda; FAUSTO NETO, Antônio. Jornalismo forma de enfrentamento dos dilemas socioambientais. In: Encontro Ambiental: como

as pesquisas acadêmicas abordam o tema? In: XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul Intercom. **Anais...** Londrina–PR: Universidade Estadual de Londrina, 2011. p.1-14.

FERREIRA, Norma S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, Campinas, ano XXIII, n. 79, p. 257-272, agosto/2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2012.

GOMES, Isaltina M. A. M. Do Grupo de Trabalho Comunicação e Ciência ao Núcleo de Pesquisa Comunicação Científica e Ambiental. In: XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). **Anais...** Campo Grande, 2001.

LIMA, Myrian Del Vecchio *et al.* A comunicação ambiental como Interdisciplinar de Comunicação Ambiental (EICA)-2, 2013, Sergipe. **Anais...** Sergipe: Universidade Federal de Sergipe, 2013. p.1-13.

RAYNAUT, Claude. Processo de construção de uma proposta interdisciplinar. **Cadernos de Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n.3, p.23-33, 1996.

SALATI, Eneas *et al.* Temas Ambientais Relevantes. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.20, n. 56, p.107-127, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000100009. Acesso em: 25 abr. 2012.

Myrian Del Vecchio de Lima

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umeshp) e doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora do Curso de Jornalismo, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Universidade Federal do Paraná. Líder do Grupo de Pesquisa Interfaces – Comunicação, Educação e Meio Ambiente (UFPR) e do Grupo de Pesquisa Cultura Ciber. E-mail: myriandel@gmail.com

Eloisa Beling Loose

Mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutoranda em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná. É integrante do Grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental (UFRGS) e do Grupo de Pesquisa Interfaces – Comunicação, Educação e Meio Ambiente (UFPR). Realizou estágio doutoral, com financiamento da Capes, no Centro de Estudos de Comunicação e

**JORNALISMO E MEIO AMBIENTE: APONTAMENTOS SOBRE DEZ ANOS
DE PRODUÇÃO ACADÊMICA NOS EVENTOS DA INTERCOM**

Sociedade da Universidade do Minho, em Braga, Portugal. E-mail: eloisa.loose@gmail.com

Danielle Scheffelmeier Mei

Mestre em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal do Paraná. É integrante do Grupo de Pesquisa Interfaces – Comunicação, Educação e Meio Ambiente (UFPR). E-mail: dani_mei@hotmail.com

Thaís Cristina Schneider

Mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Foi bolsista de mestrado pela Capes, tendo realizado pesquisa com base na abordagem praxiológica da Comunicação. É integrante do Grupo de Pesquisa Interfaces – Comunicação, Educação e Meio Ambiente (UFPR). E-mail: thaisthais@gmail.com

Valéria Duarte

Mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) – (Bolsista Capes). É integrante do Grupo de Pesquisa Interfaces – Comunicação, Educação e Meio Ambiente (UFPR). E-mail: duarteval@gmail.com

Higor Francisco Lambach

Estudante de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo na Universidade Federal do Paraná (UFPR). É integrante do Grupo de Pesquisa Interfaces – Comunicação, Educação e Meio Ambiente (UFPR). Foi bolsista CNPq de Iniciação Científica. E-mail: higor.f.lam@gmail.com

Recebido em: 08.05.2014
Aceito em: 05.12.2014